

ANÁLISE DE CENÁRIO

E RISCO GEOPOLÍTICO

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

O FLUXO DE PETRÓLEO NO
ESTREITO DE ORMUZ NO
CONTEXTO DA GUERRA EUA X
IRÃ X ISRAEL



São Paulo

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

INTRODUÇÃO



A intersecção entre uma geografia física restrita, a distribuição de recursos naturais finitos e a competição pelo poder estatal encontra sua expressão máxima de vulnerabilidade estratégica nos chamados pontos de estrangulamento marítimos, chokepoints. Na arquitetura da segurança energética global, o Estreito de Ormuz figura indiscutivelmente como a passagem mais crítica do sistema internacional. De acordo com dados oficiais da U.S. Energy Information Administration (EIA, 2024), este corredor atua como o duto logístico principal pelo qual transitam diariamente cerca de 20 milhões de barris de petróleo. Esse volume quantitativo representa 20% de todo o consumo global, além de absorver parcela massiva do comércio mundial de Gás Natural Liquefeito (GNL), evidenciando a dependência inegociável da economia internacional quanto à estabilidade desta região.

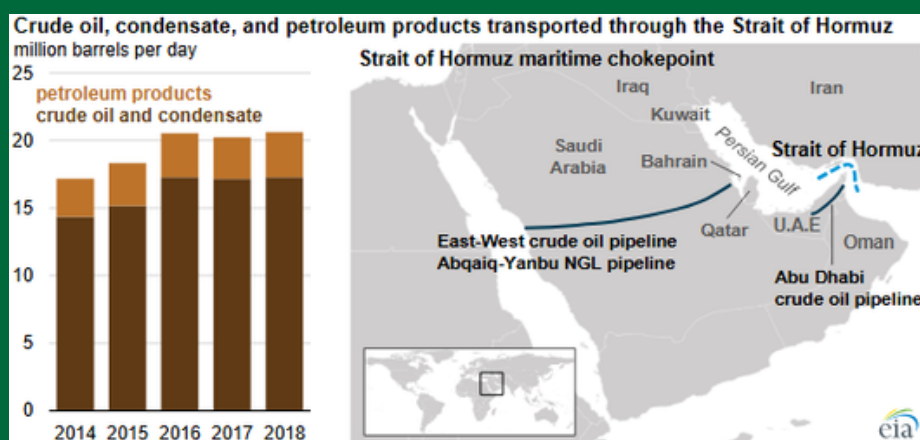


Imagem 1: Volume de trânsito de petróleo e líquidos através do Estreito de Ormuz de 2014 a 2018
Fonte: U.S. Energy Information Administration – EIA (2019)

Para compreender a centralidade deste cenário, é imperativo observar seus condicionantes estruturais. Nunes e Visentini (2018, p. 84) ressaltam, de forma indireta, que a relevância das passagens marítimas no Oriente Médio transcende a logística comercial, atuando como o verdadeiro termômetro da segurança energética para as potências industrializadas. Aprofundando essa premissa sob o prisma geográfico, Jessika Rucks (2016) estabelece em

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

INTRODUÇÃO



sua dissertação que a própria topografia do canal confere uma inegável vantagem tática ao Estado costeiro. A restrição de manobrabilidade inerente às águas rasas transforma o local em um ambiente hostil para esquadras convencionais. Ao detalhar como as forças iranianas capitalizam sobre essa exata limitação física para neutralizar a superioridade tecnológica de seus adversários e impor uma guerra de atrito, Rucks argumenta que:

(...) o estreito por si só já limita a capacidade de navegação das embarcações, dessa maneira as ações assimétricas da Guarda revolucionária aumentam os riscos, pois as embarcações precisam reduzir a velocidade aumentando a chance de ser alvos de ataques e roubos de lanchas e barcos. (RUCKS, 2016, p. 56).



Imagem 2: Mapa do Ponto de Estrangulamento (Chokepoint) do Estreito de Ormuz
Fonte: U.S. Energy Information Administration – EIA (2012)

Esse risco estrutural latente, fundamentado na assimetria geográfica, materializou-se criticamente no primeiro trimestre de 2026. Impulsionadas pela escalada bélica entre os Estados Unidos, o Estado de Israel e o Irã, as forças iranianas aplicaram a doutrina de "negação do mar" (sea denial) – uma estratégia naval e militar que visa restringir um inimigo a usufruir determinada área para fins comerciais ou militares – impondo um bloqueio de fato à região. Ao analisar essa ruptura da normalidade, o pesquisador Jim Krane (2026) atesta que a paralisação gerou um déficit agudo no fornecimento global, estimado entre 14,5 a 16,5 milhões de barris por dia. Krane evidencia, ainda, a ineficácia logística de rotas alternativas terrestres (oleodutos sauditas e mirandenses), as quais não possuem capacidade para escoar o volume retido. Diagnosticando o peso geopolítico dessa interdição, o autor conclui que o conflito encerra uma era da diplomacia americana no Golfo.

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

INTRODUÇÃO



Para ele, a ineficácia de Washington em combater as táticas assimétricas iranianas decreta a falência definitiva do pacto estrutural que sustentou a região por décadas, mostrando que:

Os eventos de março de 2026 demonstraram as limitações do aparato de segurança dos EUA em proteger as vias comerciais marítimas de forma ininterrupta, determinando o colapso do acordo histórico de 'petróleo por segurança' estabelecido em 1945 com as monarquias do Golfo. (KRANE, 2026).

Os impactos logístico-militares irradiam-se velozmente, atestando uma severa crise de interdependência. Karen E. Young (2026) explora essa dimensão indiretamente ao detalhar como o conflito reconfigurou de forma predatória o poder financeiro no Conselho de Cooperação do Golfo (CCG), uma organização regional política, social e econômica entre os Estados Árabes do Golfo. A autora evidencia que as monarquias petroleiras se tornaram reféns da retaliação assimétrica, projetando prejuízos monumentais aos projetos soberanos da península. Para materializar essa asfixia, Young aponta a estimativa empírica de perdas de "US\$20 bilhões anuais" (YOUNG, 2026) impostas apenas ao Catar, decorrentes dos ataques diretos à infraestrutura de exportação de GNL.

Foi exatamente o ineditismo e a agressividade desses últimos estopins que catapultaram o Estreito de Ormuz para o centro do debate midiático internacional nos meses recentes. A escalada vertiginosa retirou o tema dos fóruns estritamente militares e o projetou nas manchetes civis, gerando um alerta generalizado sobre a fragilidade das cadeias de suprimento. Analisando essa superexposição, evidencia-se que a cobertura jornalística reflete o pânico do mercado, uma vez que a crise "expõe o sistema energético global" (VITTO, 2026) a um escrutínio público implacável. Esses episódios trazem reflexões e potenciais impactos para o mercado global que forçam as potências a confrontarem sua extrema vulnerabilidade logística.

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

INTRODUÇÃO

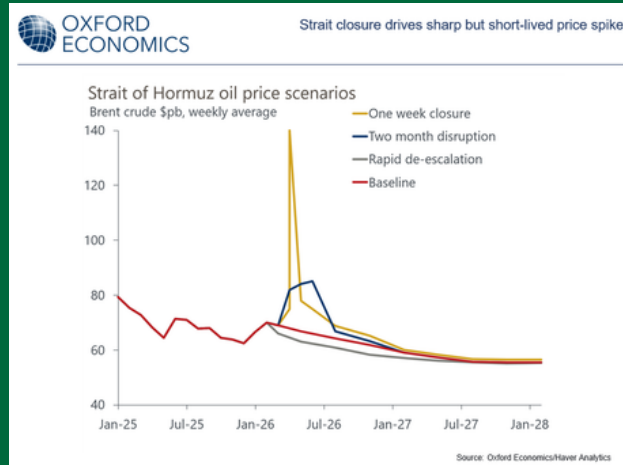


Imagem 3: Impacto e volatilidade dos preços do barril de petróleo frente a crises no Golfo
Fonte: Oxford Economics (2026)

O presente relatório tem como tema central a análise do Estreito de Ormuz não apenas como um gargalo logístico, mas como o principal "tabuleiro da segurança energética" global, no qual se desenrola o confronto direto entre Estados Unidos, Israel e a República Islâmica do Irã. Tendo em vista o colapso da normalidade regional delineado no enquadramento, o trabalho explora a dinâmica de como o Irã, em resposta à pressão militar e política do eixo Washington-TelAviv, instrumentaliza a topografia confinada do canal como uma arma de guerra assimétrica e coerção econômica. O estudo debruça-se sobre os desdobramentos desse embate trilateral, investigando como a adoção de táticas de "negação do mar" por Teerã invalida as garantias históricas de proteção norte-americanas, afeta diretamente os cálculos de segurança israelenses e projeta instabilidade política e econômica em escala planetária.

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

INTRODUÇÃO



O estreito de Ormuz se apresenta como uma das rotas energéticas mais importantes do Mundo, visto que é uma via indispensável para para os países do Oriente Médio produtores de petróleo como: Arábia Saudita, Irã, Emirados Árabes Unidos e outros.

A área é conhecida por chokepoint, isto é, *ponto de estrangulamento*, justamente por grande parte do trânsito de energia precisar passar pelo estreito. Dessa maneira, qualquer fechamento em Ormuz restringiria o comércio e impactaria fortemente a economia mundial, ou seja, os atuais ataques orquestrados pelos EUA com a contribuição de Israel ao Irã não são apenas um problema localizado na região, mas podem gerar impactos econômicos globais.

Nesse contexto, os atuais desdobramentos envolvendo o Estreito de Ormuz não podem ser dissociados da criação de um imaginário coletivo do Irã como uma grande ameaça ao Oriente Médio (e consequentemente ao Ocidente) que se consolidou inicialmente com o discurso do "Eixo do Mal" em 2002, expressado por George Bush — presidente dos EUA na época — em que o Irã é retratado como um financiador e exportador do terrorismo, bem como um desenvolvedor de armas nucleares de destruição em massa e portanto representam uma ameaça global. O presidente reitera que os Estados Unidos seriam os responsáveis (através do plano de segurança nacional americana e da doutrina Bush) por fazer o uso de todos os meios disponíveis para derrotar a ameaça do terrorismo global. Sob a perspectiva da doutrina Bush, a política externa norte-americana se consolidou em três alicerces estratégicos: 1) "as guerras preventivas" com o objetivo de eliminar ameaças por meio do uso da força e de ações militares. 2) a "guerra ao terror" com o foco em combater o terrorismo global e os Estados que financiavam esses grupos extremistas. 3) o fomento da democracia liberal, que defendia a intervenção militar como estratégia para impor regimes democráticos no Oriente Médio. Com base nessa lógica, foi se conquistando um espaço narrativo em que os Estados Unidos era o ator central para a manutenção da paz e estabilidade na região e

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

INTRODUÇÃO



concomitantemente projetou o Irã transnacionalmente como uma ameaça nuclear e no âmbito doméstico como um regime repressor.

Após décadas essa narrativa prevalece e é uma das principais justificativas para as intervenções e ataques norte-americanos e israelenses ao Irã no atual conflito (evidenciado por meio do fechamento do Estreito de Ormuz pelo Irã em fevereiro de 2026) que se iniciou com a finalidade de destruir instalações nucleares iranianas, visto que o Trump afirmou que o Irã estava enriquecendo urânio acima dos limites permitidos por tratados como o Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP), no entanto, análises realizadas pela Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), apontam que não havia indícios que o Irã estava de fato próximo de fabricar uma bomba atômica. Desse modo, a questão nuclear se manifesta como uma estratégia geopolítica, uma vez que o desenvolvimento nuclear iraniano representa uma ameaça direta a Israel que detém a hegemonia nuclear regional, de acordo com a organização Arms Control Association. Ademais, o Irã é responsável pelo financiamento e fornecimento de armas para os grupos Hamas e Hezbollah que promovem ataques às ocupações israelenses na Palestina e no Sul do Líbano. Nesse sentido, uma potencialização de sua capacidade militar e nuclear pode intensificar as investidas por parte dessas organizações e aumentar exponencialmente o risco à segurança de Israel. Os EUA enxergam o programa nuclear iraniano como o maior perigo do Oriente Médio, porque pode modificar o equilíbrio de poder na região que é sustentado principalmente pelos próprios estadunidenses e por Israel (parceiro histórico dos EUA) que usam de suas influências para exercer domínio político e econômico sobre a área. Dessa forma, a classificação do Irã como o vilão do Oriente Médio acaba por impactar na decisão dos próprios países da região que fazem alianças com Israel e EUA sob a ideia de defesa mútua assegurada.

Em suma, a doutrina Bush e a categorização do Irã como a maior ameaça regional é fundamental para a estratégia americana de permanecer como

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

INTRODUÇÃO



uma hegemonia global, na medida em que os os EUA tentam legitimar sua presença militar no Golfo. Assim que os ataques e provocações iniciaram, o Irã respondeu rapidamente contra-atacando Israel e lançou mísseis em outros países da região parceiros dos EUA, também utilizou da geografia como estratégia ao fechar o Estreito de Ormuz para forçar ambos os Estados a recuarem.

DELIMITAÇÃO TEMPORAL E ESPACIAL

O estudo concentra-se geograficamente no Estreito de Ormuz, abrangendo as águas territoriais e as zonas econômicas exclusivas dos Estados costeiros limítrofes (República Islâmica do Irã e Sultanato de Omã). A análise estende-se, organicamente, às áreas de transbordamento tático no Golfo Pérsico e no Mar Árábico, observando o impacto logístico sobre o Conselho de Cooperação do Golfo (CCG) e as zonas de projeção de poder naval e aéreo operadas pelas forças dos Estados Unidos e de Israel no Oriente Médio.

A análise prospectiva e conjuntural restringe-se ao ano de 2026, com foco analítico especial no seu primeiro semestre. Esse recorte marca a fase aguda da crise, compreendendo o estopim da guerra aberta entre a coalizão EUA-Israel e o "Eixo da Resistência" iraniano, culminando na efetiva aplicação das táticas de bloqueio naval que desestabilizaram as cadeias globais de suprimento no período.

Diante da vulnerabilidade estrutural desse tabuleiro energético e do arcabouço geopolítico apresentado, a principal indagação que norteia e estrutura a argumentação deste relatório é: No contexto da guerra entre Estados Unidos, Israel e Irã em 2026, de que maneira a instrumentalização do Estreito de Ormuz por Teerã (por meio de táticas de guerra assimétrica e "negação do mar") reconfigura a balança de poder no Oriente Médio e afeta a segurança energética e a estabilidade econômica do sistema internacional?

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

CONTEXTUALIZAÇÃO



O Estreito de Ormuz é considerado como um dos principais pontos estratégicos da geopolítica energética mundial, sendo responsável pela drenagem em cerca de 20,5 a 21 milhões de barris de petróleo por dia, representando 21% do consumo global segundo dados da *Energy Information Administration* (EIA). Localizado entre o Golfo Pérsico e o Golfo de Omã, esse corredor marítimo de aproximadamente 33 km de largura tem característica montanhosa, de paisagem árida com minas de sal e enxofre, com vasta presença de militares internacionais, as quais gerenciam a passagem de diversos produtos – como no ano de 2016, em que a região do Golfo Pérsico foi responsável pela grande proliferação da exportação de hidrocarbonetos com um total estimado de aproximadamente 23,5 milhões de barris de petróleo por dia, o equivalente a 36% do total comercializado no mundo, se tornando uma localidade estratégica.

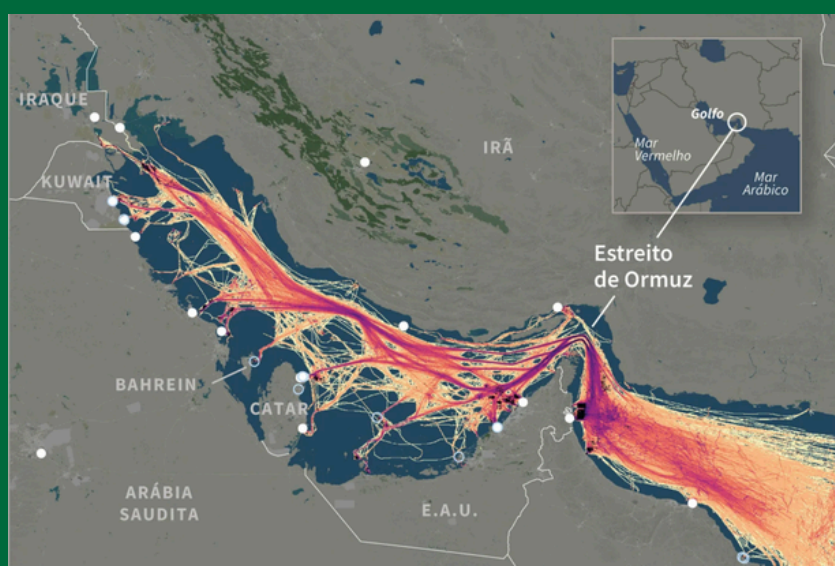


Imagem 4: Mapa do Estreito de Ormuz
Fonte: Omar Kamal, Maria Cecília Rezende/AFP (2019)

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

CONTEXTUALIZAÇÃO



Os Estreitos são interligações marítimas curtas que separam duas massas terrestres, sendo elas continentais ou insulares; e, sua segurança é essencial para haver estabilidade econômica internacional. Por serem de grande relevância e valor estratégico para o trânsito marítimo inter-hemisférico, os Checkpoints – assim também denominados – devem possuir total liberdade de navegação para o funcionamento do comércio mundial. Sendo assim, o Estreito de Ormuz é uma rota crucial para mais de 20% do comércio internacional de Gás Natural Liquefeito (GNL). (NUNES; VISENTINI, 2018)

A disputa pelo controle político e jurídico dessa rota intensificou-se entre os séculos XIX e XX, os Estados nacionais foram se estruturando e gerando conflitos pela delimitação de fronteiras terrestres marítimas. Um marco inicial decorre em 1959, quando o Irã decide expandir seu território marítimo em 22 km, avançando sobre o Golfo Pérsico e se apossando da ilha de Ormuz. A partir desse momento, o movimento pró-soberania ganhou força entre os países do Oriente Médio, que passaram a impor restrições a manobras militares estrangeiras, pesquisas e levantamentos geológicos. (RUCKS, 2016)

Com o acirramento dos conflitos regionais na década de 70, como a guerra do Yom Kippur e as turbulências causadas pela Revolução Iraniana em 79 – que culminou na implementação de um regime teocrático –, se evidencia que Ormuz seria uma localidade sensível e indispensável para o funcionamento das interações globais. Esse cenário de instabilidade atingiu seu ápice histórico na década de 1980 com a "Guerra dos Petroleiros" no conflito Irã-Iraque, consolidando a presença militar constante de potências ocidentais na região. (RUCKS, 2016)

PRINCIPAIS EVENTOS RECENTES

Com a virada do século, ocorreram novos conflitos e a importância do Irã de se reafirmar sobre países ocidentais. Entre 2011 e 2012 o estado iraniano ameaçou o bloqueio da passagem em resposta às sanções impostas pelos Estados Unidos e União Europeia devido ao seu projeto de pesquisa nuclear; nessa época, o Irã realizou testes de mísseis perto do estreito como demonstração de poder.

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

CONTEXTUALIZAÇÃO



Em 2018, após a saída dos Estados Unidos do acordo de ação global de Não Proliferação de Armas Nucleares, ocorre novamente a sinalização de bloqueio do estreito; em agosto o Irã utiliza mísseis de teste com longevidade de mais de 100 milhas do Estreito de Ormuz até o deserto iraniano. (MIDDLE EAST INSTITUTE, 2026)

A partir de 2019, as tensões escalaram de retóricas para ações diretas na região. As ameaças de bloqueio começaram a tomar forma através de táticas de guerra híbrida, envolvendo pequenos ataques com drones e minas navais contra embarcações comerciais — episódios que foram sistematicamente negados por Teerã. Nesse período, a Guarda Revolucionária Iraniana foi acusada de bombardear navios de bandeira estadunidense e de apreender embarcações estrangeiras sob diversas justificativas. (VITTO, 2026)

Esse cenário de atrito atingiu um ponto crítico em junho de 2019 , quando as forças iranianas derrubaram um drone militar das Forças Armadas dos EUA. O governo do Irã justificou o abate afirmando que o objeto realizava uma missão de espionagem dentro de seu espaço aéreo territorial. Em contrapartida, Washington contestou a versão, alegando que a aeronave operava estritamente em espaço aéreo internacional, classificando o ataque como injustificado e inflamando ainda mais a crise geopolítica na região.

Em 2026, esse cenário modificou-se pela escalada do conflito entre Estados Unidos, Israel e Irã. A intensificação das tensões culminou em ações militares diretas e na adoção de estratégias não convencionais por parte do Irã como estratégia de imposição de custos, incluindo o bloqueio do Estreito de Ormuz. Como consequência, ocorre uma redução do tráfego marítimo na região, chegando a níveis mínimos de operação, assim comprometendo significativamente o transporte de petróleo e gás natural (RUSSIA MATTERS, 2026).

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

CONTEXTUALIZAÇÃO



A redução repentina do fluxo de recursos energéticos evidenciou a alta dependência da economia mundial dessa rota marítima, gerando instabilidade nos mercados, aumento dos preços das commodities e os riscos para a segurança energética global.

Diante dessa ineficácia de rotas alternativas e do colapso de interesses, o problema reside na fragilidade da construção de segurança liderada pelos Estados Unidos mediante as táticas de guerra assimétrica. Em abril de 2026, é imposta uma linha de bloqueio por Teerã – mecanismo de coerção financeira (VITTO, 2026) –, aos navios que escolhem transitar por Ormuz.



Imagem 5: Lancha iraniana no bloqueio em Ormuz (2019)

Fonte: Getty Images

Entretanto, a imposição dessa cobrança configura uma clara violação do Direito Internacional, que sob diretrizes do Direito do Mar – redigido em comissão da ONU em 1982 (UNCLOS) –, é expressamente proibida a taxação de navios em águas internacionais, incluindo estreitos e mares territoriais, exceto como contraprestação por serviços específicos prestados, tornando a manobra iraniana um desafio direto à governança marítima global.

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

CONTEXTUALIZAÇÃO



ESTADOS ENVOLVIDOS, ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS,
ATORES NÃO-ESTATAIS, INTERESSES E OBJETIVOS DE CADA ATOR

ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS

ORGANIZAÇÃO MARÍTIMA INTERNACIONAL (IMO):

A entidade da ONU responsável pela segurança da navegação e pela proteção do meio ambiente marinho, tem se esforçado para mitigar a crise humanitária decorrente do bloqueio. O Secretário-Geral da IMO, condenou o uso de navios e marinheiros civis, como “moeda de troca em disputas geopolíticas”, alegando que marinheiros estão presos em navios sob regiões de estresse e escassez de suprimentos (IMO,2026). A IMO também declarou que os planos do Irã de cobrar “pedágios” pela passagem do Estreito são uma franca violação, sendo ilegal sob o direito marítimo internacional (AL JAZEERA,2026). Além de também emitir alertas sobre riscos de desastres ambientais, decorrentes do conflito – ao menos, três petroleiros foram atingidos próximos ao estreito, incluindo um ao largo de Omã, gerando risco de derramamento de petróleo.

CONSELHO DE SEGURANÇA DA ONU (CSNU)

O Conselho se tornou o principal campo de batalha diplomático da guerra. Uma resolução elaborada pelo Bahrein e apoiada pelos Estados Unidos, que autorizava o uso de meios defensivos para proteger a navegação e reabrir o Estreito, foi vetada pela Rússia e pela China no início de abril de 2026 (ONU,2026). O embaixador russo, justificou o veto argumentando que o texto era unilateral e ignorava ações ofensivas promovidas pelos EUA e Israel, configurando uma narrativa enviesada e parcial, que não abordava outros possíveis desencadeadores do bloqueio (ONU,2026).

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

CONTEXTUALIZAÇÃO



OPEP(ORGANIZAÇÃO DOS PAÍSES EXPORTADORES DE PETRÓLEO):

A OPEP, se viu no centro das implicações econômicas do conflito. O bloqueio de Ormuz impede a saída da produção dos países que fazem parte da organização, criando uma situação paradoxal em que produtores da OPEP sofrem com o bloqueio imposto por outro membro da organização. Os membros mais afetados são Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Iraque, Kuwait e o próprio Irã. Tais impactos foram tão significativos, que os Emirados Árabes Unidos anunciaram sua saída da organização, sob a alegação de volatilidade geopolítica causada pelo conflito no Golfo, que afetam a oferta (DW, 2026).

ATORES NÃO-ESTATAIS

Além dos Estados e Organizações já citados, a crise engaja atores multilaterais e outros grupos paramilitares, cujas atuações complicam o cenário logístico.

CONSELHO DE COOPERAÇÃO DO GOLFO (CCG) COMO BLOCO INSTITUCIONAL:

Em contraste com a atuação individual dos Estados, o bloco ,como estrutura, tem desenvolvido cúpulas de emergência para ir além de reações. O CCG atua para criar uma visão estratégica de longo prazo e uma resposta institucional conjunta, com o objetivo de proteger infraestruturas interconectadas na região, como ferrovias, portos e rotas marítimas (AL-MUSTAFA, 2026).

RESISTÊNCIA ISLÂMICA NO IRAQUE (EX: SARAYA AWLIYA AL-DAM):

Esta coalizão de milícias iraquianas pró-Irã expandiu as fronteiras do conflito ao engajar seus próprios vetores de ataque (ISW, 2026). Após a eclosão da guerra e a morte de Khamenei, as milícias lançaram centenas de ataques com drones e mísseis visando bases norte-americanas, mas também mirando infraestruturas energéticas vitais e aeroportos situados na Arábia Saudita, Emirados Árabes, Kuwait e Jordânia (SOUFAN CENTER, 2026).

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

CONTEXTUALIZAÇÃO



HOUTHIS (IÊMEN):

Além da crise no Estreito, forças rebeldes Houthi atuam como multiplicadores de risco do Eixo de Resistência, estendendo a ameaça à navegação comercial também para a região do Mar Vermelho, forçando uma dispersão drástica dos esforços navais globais de proteção pelo ocidente (NEWLINES INSTITUTE, 2026).

INTERESSES E OBJETIVOS DE CADA ATOR

A paisagem do conflito engloba uma complexa matriz de atores cujos interesses estão ligados à hegemonia militar ou à sobrevivência econômica no Estreito de Ormuz.

O eixo principal do conflito é ocupado por Estados Unidos, Israel e Irã – cujos objetivos criam impasse entre sobrevivência estatal e economia mundial.

ESTADOS UNIDOS:

Sob o governo de Donald Trump, a política externa americana no conflito, têm sua intenção primária em induzir uma fratura sistêmica no regime iraniano e desarmar o Eixo de Resistência, garantindo que China e Rússia não ocupem o espaço vazio no Rimland.

- Com a interdição do Estreito de Ormuz pelo Irã, o objetivo dos EUA se voltou para a liberdade de navegação. E para isso, o governo norte-americano desenvolveu o “*Project Freedom*” – um projeto envolvendo aeronaves, para fornecer “cobertura diplomática e de seguro” aos navios comerciais, patrulhando os corredores.
- O bloqueio do Estreito causou, internamente na economia americana, aumento dos preços da gasolina em 30% e aumento das taxas de hipoteca para 6,3%. Essa exaustão econômica, afeta a capacidade do governo de desestimular as contingências militares chinesas em Taiwan, ou continuar alimentando a defesa antiaérea para a Ucrânia.

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

CONTEXTUALIZAÇÃO



- O impacto da reabertura do Estreito depende dos termos diplomáticos e militares em que for ocorrer. Se o Estreito for reaberto sob condições iranianas (liberação de US\$20 bilhões em fundos ou pedágio imposto por Teerã) os EUA sofrerão a maior reviravolta diplomática da história. Se a reabertura ocorrer sobre negociações americanas, forçariam o Irã a restaurar o tráfego sem concessões – nesse cenário, os EUA reafirmaram sua posição como fiador da segurança global.

ESTADO DE ISRAEL:

A guerra, do ponto de vista israelense, é calculada pela sobrevivência da nação judaica frente ao cerco multinacional instituído por Teerã.

- O interesse de Israel com a “Operação Epic Fury” foi alcançar a dominância durável através da vulnerabilidade crônica do Irã – isso implicava em destituir a liderança hostil e fragmentar o financiamento e transferência tecnológica que sustentavam o “Eixo de Resistência”.
- O bloqueio do Estreito de Ormuz é lido como uma externalidade macroeconômica organizada pelo inimigo – a disparada da inflação e o sufocamento das cadeias de suprimento, geraram cansaço nas capitais ocidentais aliadas, criando pressões internacionais para que Israel controlasse suas ações, e aceitasse tréguas a fim de acalmar os mercados globais. O custo do conflito para Israel foi de suportar retaliações simultâneas: ataques de mísseis no território iraniano, somados à intensificação da guerra em sua fronteira com o Hezbollah.
- Israel foca num pós guerra onde os Estados Unidos não estejam atados às ameaças do Irã, permitindo que as forças de Defesa de Israel foquem em desmantelar o Hezbollah no Líbano, e o Hamas na Faixa de Gaza.

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

CONTEXTUALIZAÇÃO



REPÚBLICA DO IRÃ

Mobilizou a geografia física do seu litoral para equilibrar a balança de poder e garantir a continuidade da revolução.

- A intenção suprema do Irã é a sobrevivência estrutural do regime – incapaz de confrontar a força aérea americana, Teerã converteu uma crise política regional em um caos geoeconômico internacional através do fechamento do Estreito.
 - O Irã minou as águas, atacou refinarias no CCG, para semear medo e discórdia, e ainda exigia cobrança internacional de um pedágio sobre o trânsito (“Tehran Toll Booth”) visando obter recursos financeiros, contornar sanções e impor soberania jurídica. A estratégia iraniana visa criar um cenário de enfraquecimento recíproco forte, para que a coalizão seja forçada a recuar.
- O controle do fluxo trouxe consequências internas para a estabilidade do regime – o contra bloqueio naval promovido pelos EUA contra portos iranianos, arrasou a economia. O país sofre apagões constantes que afetam o complexo civil; As inflações urbanas e rurais subiram, encarecendo produtos básicos.
 - Curiosamente, o bloqueio estancou a única via segura de exportação de petróleo do Irã, cortando os fluxos dos barris diários.
- Se o Estreito for reaberto de acordo com suas próprias intenções, o Irã será visto como guardião logístico do Oriente Médio. A desescalada do conflito traria alívio do potencial retorno de ativos retidos do exterior. Mas, se o país for forçado a reabrir o Estreito em conformidade com o “Project Freedom” americano, o regime perderá seu escudo de proteção, intensificando o desgaste da autoridade central e enfraquecendo a legitimidade popular.

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

CONTEXTUALIZAÇÃO



FEDERAÇÃO RUSSA

A Rússia atua como maior beneficiária econômica e estratégica do conflito.

- Querem manter os Estados Unidos sobrecarregados geopoliticamente, e distraí-los do conflito com a Ucrânia. Os interesses russos também se firmam em legitimar o conceito de resistência iraniano, estender o sangramento do capital político da OTAN e firmar uma aliança iliberal.
- O bloqueio de Ormuz trouxe impactos positivos para a Rússia – com as sanções ocidentais impostas à exportação energética russa, os orçamentos russos estavam prejudicados. Mas, com o interrompimento do fluxo de barris, os EUA entraram em crise inflacionária, removendo as sanções primárias sobre o petróleo russo.
 - Além disso, o envio de armamento americano para o Golfo, comprometeu os fluxos de ajuda para a Ucrânia, facilitando o esforço bélico russo.
- Uma possível resolução do conflito, inverteria o cenário de Moscou. Com a volta do fluxo de barris, os preços do petróleo caíram, motivando o ocidente a reerguer as sanções sobre a Rússia.

REPÚBLICA POPULAR DA CHINA:

Como a maior exportadora de petróleo, a China atua com cautela, balanceando sua dependência energética com seu instinto diplomático.

- A China rejeita a postura de intervenção militar – o país busca se representar como apaziguador, priorizando esforços de diplomacia e mediação direta em reuniões com lideranças iranianas, para desenhar uma saída de desescalada.
- No âmbito econômico, o bloqueio prejudica a base manufatureira chinesa – o bloqueio do Estreito retém, aproximadamente, 5 milhões de barris com destino à China. Contudo, há alguns ganhos: o bloqueio fez com que os EUA desviassem mísseis que estavam alocados para a proteção de Taiwan, e os direcionasse ao Golfo.

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

CONTEXTUALIZAÇÃO



- A reabertura consolida a China como potência econômica e corretor da paz. Além do alívio das inflações, o retorno permitiria a capitalização política sobre os atores regionais que viram o poderio americano falhar, e dessa forma, a China direcionaria os árabes para arranjos mais profundos com a arquitetura do BRICS, e da Nova Rota da Seda.

EIXO DA RESISTÊNCIA: HEZBOLLAH E HAMAS

- Hezbollah: Após a morte do Aiatolá, o grupo rompeu com a passividade tática, iniciando ataques massivos com o objetivo de forçar Israel a suportar uma inaceitável guerra de atrito.
 - O fechamento do Estreito prejudicou o abastecimento bélico marítimo e terrestre do Hezbollah – dessa forma, a milícia é forçada a utilizar seus estoques estratégicos.
 - A negociação da abertura do Estreito, faria com que Israel e EUA concentrassem toda a sua atenção em erradicar os arsenais libaneses.
- Hamas: O principal interesse é assegurar a existência do movimento e garantir seu monopólio no pós-guerra na reconstrução de Gaza.
 - O fechamento de Ormuz deslocou o foco da vigilância na Faixa de Gaza – o grupo aproveitou o interrompimento da fiscalização para reter ajudas humanitárias internacionais.
 - A reabertura do Estreito restitui o comércio marítimo, e então, os mediadores internacionais voltaram seu foco à Faixa de Gaza.

ATORES REGIONAIS:

- Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos (EAU): Busca proteger suas transições econômicas, que dependem de fluxos de petróleo e do engajamento de empresas ocidentais e chinesas – a reabertura do Estreito traria alívio financeiro para o andamento de seus projetos.

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

CONTEXTUALIZAÇÃO



- Catar: Seu interesse se centra na proteção física de suas exportações mundiais de gás natural.
- Omã: Seu objetivo é preservar sua neutralidade adaptativa, funcionando como canais secundários.

COMO ESSES INTERESSES ESTÃO EM DISPUTA

O conflito no Estreito de Ormuz revela uma matriz de interdependência conflituosa, onde os Estados Unidos, Israel e Irã colidem em um impasse entre a sobrevivência estatal e a estabilidade econômica mundial. No plano geoeconômico, os interesses entram em disputa por meio de uma nítida assimetria de custos e incentivos gerados pela inflação energética global, dividindo potências que buscam a estabilização e atores que se beneficiam do impasse. Em contrapartida, a Federação Russa atua como a maior beneficiária estratégica: o caos logístico removeu as sanções primárias sobre o petróleo russo e o envio de armamentos americanos ao Golfo comprometeu a ajuda militar à Ucrânia, facilitando o esforço bélico de Moscou.

Paralelamente, as forças locais e os atores armados não estatais articulam seus interesses de sobrevivência tática ao prolongamento do conflito em Ormuz, moldando as expectativas para o cenário pós-guerra. O desvio do foco e da vigilância ocidental para o ambiente marítimo permitiu ao Hamas reter fluxos de ajuda humanitária internacional na Faixa de Gaza e garantir seu monopólio local. Simultaneamente, o Hezbollah rompeu com a passividade tática e iniciou ataques massivos na fronteira norte de Israel, sustentando uma guerra de atrito que força o grupo a consumir seus estoques estratégicos devido ao bloqueio de seu abastecimento marítimo.

A disputa central reside no desfecho dessa arquitetura de segurança: enquanto Israel e os EUA buscam uma resolução que permita concentrar forças para suprimir as capacidades militares em Gaza e no Líbano, os grupos insurgentes resistem ao avanço do Project Freedom, cientes de que uma reabertura do estreito nos termos ocidentais retira o escudo protetor do Irã, intensificando o desgaste da autoridade central em Teerã e direcionando todo o poder militar da coalizão contra as suas bases operacionais.

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA ANÁLISE



A teoria de Mahan, segundo sua obra, *The Influence of Sea Power upon History*, 1890, estabeleceu que o controle das vias oceânicas e dos pontos de estrangulamento (chokepoints) é o imperativo central para o sucesso estratégico e a prosperidade econômica, o crescimento econômico e a projeção internacional de uma nação. Mahan reconhecia o mar como uma vasta via expressa global de comércio, argumentando que as nações que almejam dominar essas rotas garantem a própria prosperidade mercantil enquanto adquirem a capacidade de asfixiar economicamente seus rivais em tempos de conflito. Para o autor, o Poder marítimo (Sea Power) não era só um indicativo de força naval bélica, mas uma junção de elementos estruturais como posição geográfica, configuração física do litoral, extensão territorial, contingente populacional, caráter nacional e a natureza do governo ou de suas instituições.

Os Estados Unidos têm atuado como a manifestação última do ideal de Mahan, projetando uma superpotência naval de águas azuis (blue-water navy) que patrulha os oceanos para garantir o princípio do livre comércio e o fluxo contínuo das linhas marítimas de comunicação (SLOCs). A permanente presença da Quinta frota da Marinha dos EUA, sediada em Manama, no Bahrein, é o testamento físico dessa doutrina de controle positivo do mar, que visa proteger a extração de recursos e da região e assegurar o envio para as potências industrializadas.

A República Islâmica do Irã na crise atual utiliza uma subversão dessa teoria. Reconhecendo sua inferioridade naval em termos de grandes embarcações, capitais e porta-aviões. O Irã compreendeu que, nos estreitos confinados de Ormuz onde a geografia favorece o engajamento litorâneo e a ocultação territorial, não é necessário possuir uma frota comparável à norte-americana para interromper o comércio. O sistema tira proveito desta “configuração física” por intermédio de drones, mísseis e minas. O Irã transforma a vantagem geográfica do estreito em uma arma de asfixia econômica, validando a tese de Mahan de que quem perde a capacidade de transitar comercialmente sofre danos incapacitantes.

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA ANÁLISE



Em "The Influence of Sea Power Upon History", Mahan argumentou que o propósito do poder marítimo é, em última análise, comercial: a capacidade de usar o mar para a criação de riqueza, negando esse uso ao adversário (GREGG ROMAN, 2026). Sendo assim, o Irã, sentindo-se encurralado pelos ataques da coalizão EUA-Israel, optou por uma estratégia de empobrecimento sistêmico mútuo. Ao interditar os 20 milhões de barris diários e minar a confiança do mercado securitário naval, o Irã demonstrou que o bloqueio de um chokepoint pode impor perdas econômicas catastróficas ao adversário, validando a tese de Mahan de que quem perde a capacidade de transitar comercialmente pelo mar sofre danos incapacitantes em sua capacidade de resistir. A vitória para o Irã, portanto, se redefine como a sobrevivência sob pressão, mantendo intacta a capacidade de dissuasão. O objetivo passa a ser o desgaste estratégico, e não o triunfo no campo de batalha (DANIA THAFER, 2026)

NICHOLAS SPYKMAN E A TEORIA DO RIMLAND EURASIANO

A teoria de Mahan nos oferece uma estrutura para interpretar as dinâmicas do domínio marítimo, a obra do geopolítico holandês-americano Nicholas Spykman é essencial para decifrar a relevância espacial e continental do Oriente Médio, presente na sua obra, *The Geography of the Peace* (1944), Spykman contrapôs-se frontalmente à renomada Teoria do *Heartland* (Área Pivô) desenvolvida pelo geógrafo britânico Sir Halford Mackinder.

Mackinder afirmava que o domínio sobre as áreas inacessíveis da Rússia e da Ásia Central seria a chave para governar a Ilha Mundial (Eurásia), Spykman argumentou que a verdadeira área de atrito decisiva, detentora da maior parcela demográfica, riquezas naturais e articulação marítima, era a faixa litorânea e periférica que circunda a massa eurásiana, englobando a Europa Ocidental, o Oriente Médio, a Índia, o Sudeste Asiático e a China, Spykman deu o nome de *Rimland* "Inner or Marginal Crescent". Imortalizando sua premissa na máxima geopolítica: "Quem controla o Rimland governa a Eurásia; quem governa a Eurásia controla os destinos do mundo."

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA ANÁLISE



O Oriente Médio, e especificamente a sub-região do Golfo Pérsico banhada pelo Estreito de Ormuz, atua como o segmento mais volátil, rico em energia e cobiçado de todo o *Rimland*. No quadro da guerra de 2026, A atuação dos EUA e Israel na Operação Epic Fury (2026) promovida pela aliança Washington–Tel Aviv pode ser teoricamente compreendida como um esforço máximo (e possivelmente tardio) para subjugar um Estado rebelde que, há décadas, tenta romper o cordão de contenção estadunidense na região. O Irã operou historicamente para ampliar sua esfera de influência através do "Eixo da Resistência", expandindo suas raízes pelo Iraque, Síria, Líbano e Iêmen, um contramovimento projetado para enfraquecer o controle ocidental sobre este setor crítico do *Rimland*.

A crescente aproximação do Irã com China (que depende do *Rimland* do Oriente Médio para viabilizar sua infraestrutura da Nova Rota da Seda e garantir 40% de suas importações petrolíferas) e com a Rússia representa a intersecção entre o poder terrestre e marítimo projetada por Spykman, expondo o declínio da arquitetura da segurança norte-americana na região. A vulnerabilidade evidenciada pelos sucessivos ataques iranianos aos Estados do CCG expõe que a arquitetura de segurança que os EUA ergueram no *Rimland* nos últimos 80 anos está em franco declínio. A dependência energética asiática, atrelada à negação naval iraniana, prova que o destino do poder global está, de fato, amarrado às margens litorâneas do Oriente Médio.

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

ANÁLISE DE RISCO



ESCALA INTERNACIONAL

O cenário internacional de segurança energética enfrenta um de seus momentos mais alarmantes. Desde o fechamento do estreito pelo Irã a maior preocupação internacional girou em torno dos preços do petróleo, visto que ao interromper totalmente a circulação de embarcações no estreito o país impediu a exportação de cerca de 20 milhões de barris por dia (b/d), sendo 15 milhões b/d de petróleo bruto. Além de bloquear o trânsito de energia, as forças iranianas concretizaram as ameaças atacando mais de 20 navios civis que furaram o bloqueio. De acordo com a análise do Fundo Monetário Internacional (FMI) feita em março de 2026, as ramificações econômicas internacionais culminam em duas principais frentes que se retroalimentam: 1) a elevação dos preços do petróleo e 2) o abalo nas cadeias globais de suprimento. Com base nesse cenário, se torna necessário o redirecionamento de petroleiros e navios de carga para rotas alternativas, implicando diretamente em um aumento significativo nos custos com frete marítimo e logística. Dessa forma, empresas transnacionais têm suas despesas e prazos elevados, resultando em preços mais altos para o consumidor final, ou seja, os países dependentes desse fluxo de petróleo se tornaram mais vulneráveis, lidando com inflação dentro de seus territórios sem estarem envolvidos no conflito. Tais implicações se manifestam como um nível alto de risco geopolítico por impactar a economia global uma vez que o conflito deixa de ser localizado e produz uma preocupação sistêmica para a ordem internacional.

ESCALA REGIONAL

Na escala regional, o risco geopolítico de maior gravidade (alto risco) é a escalada militar e o colapso do equilíbrio de poder no Oriente Médio, impulsionados por uma espiral de segurança mútua e predatória. De um lado, Israel consolida-se como o maior pain point (ponto de estrangulamento político) da região: ao adotar uma postura militar agressiva (caracterizada por ataques preventivos, projeção de poder hegemônico e desrespeito constante à soberania de Estados vizinhos, como Líbano e Síria), Tel Aviv retroalimenta o ciclo de violência e força uma polarização sistêmica.

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

ANÁLISE DE RISCO



Em resposta a essa ameaça existencial e militar contínua imposta pelo eixo EUA-Israel, o Irã ativa massivamente o seu "Eixo da Resistência", financiando grupos como o Hezbollah e os Houthis para sobrecarregar as defesas ocidentais através de um conflito por procuração. Esse atrito, onde a agressividade israelense encontra a retaliação assimétrica iraniana, transforma o Golfo Pérsico e o Levante em uma zona de fogo cruzado, expondo a extrema vulnerabilidade territorial de atores regionais que tentam, em vão, manter a neutralidade.

Atrelado ao fator militar, essa fragmentação deflagra um iminente risco de crise econômica (alto risco) para o Conselho de Cooperação do Golfo (CCG). O colapso do acordo histórico de "petróleo por segurança" (KRANE, 2026) atesta a ineficácia do guarda-chuva estadunidense em proteger as infraestruturas árabes diante de um conflito que nem Israel nem o Irã demonstram interesse em desescalar. Como consequência direta, petromonarquias como Emirados Árabes Unidos e Catar são forçadas a desviar fundos (originalmente destinados aos seus megaprojetos de transição pós-petróleo) para a militarização emergencial de suas fronteiras e para a contratação de mercenários privados. O fracasso dessa diversificação econômica ameaça diretamente o pacto social e a legitimidade dos monarcas árabes perante suas populações (YOUNG, 2026), reconfigurando de forma destrutiva as alianças de poder e a estabilidade política em todo o setor crítico do Rimland eurasiático.

ESCALA DOMÉSTICA

A política externa reflete e contém as tensões domésticas de um Estado. Na crise de Ormuz em 2026, o "Jogo de Dois Níveis" ('Two-Level Game'), um conceito do cientista político Robert Putnam que explica como os líderes operam simultaneamente no tabuleiro internacional (diplomacia/conflito) e no doméstico (eleições/economia), tomando decisões externas que garantam, acima de tudo, a sua sobrevivência política interna. Sob essa ótica, as fraturas socioeconômicas e os ciclos eleitorais determinam a escalada ou o recuo de cada potência no tabuleiro do Golfo.

- **Estados Unidos da América (EUA):** Lidando com um risco político-eleitoral e inflacionário de nível médio, a administração

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

ANÁLISE DE RISCO



- norte-americana enfrenta o limite do seu neoimperialismo ao lidar com um Estado soberano, e não apenas milícias. Vulnerável à inflação importada e à impopularidade de "guerras sem fim" em pleno ano de eleições legislativas ('midterms'), a Casa Branca opta por sanções e ataques cirúrgicos para evitar o custo de uma guerra terrestre (EURASIA GROUP, 2024). O potencial de escalada é contido; Washington prioriza a dissuasão à distância para blindar o poder de compra do seu eleitorado.
- **República Islâmica do Irã:** Enfrentando um risco crítico, de caráter existencial e de iminente ruptura institucional, o regime utiliza a defesa contra o neoimperialismo como uma "cortina de fumaça" nacionalista para mascarar as fraturas internas e a asfixia econômica (ICG, 2024). Contudo, Teerã calibra a sua agressividade no mar: instigar uma invasão ocidental colapsaria a economia e catalisaria uma revolução civil, exigindo um atrito contido para garantir a sobrevivência do aiatolá. O conflito só transborda para o fechamento total caso o colapso econômico do Estado se torne inevitável.
- **Estado de Israel:** A transição de uma guerra contra insurgentes para um embate contra um Estado rival impõe a Israel um alto nível de risco político-institucional e de fratura social devido aos custos socioeconômicos severos (INSS, 2024). No entanto, a ameaça iraniana é politicamente vital para Benjamin Netanyahu: a narrativa de emergência existencial silencia a oposição interna, justifica a manutenção da sua coalizão e adia inquéritos e eleições antecipadas, atrelando a sobrevivência do primeiro-ministro à perpetuação do atrito.
- **República Popular da China:** Configurando um alto risco socioeconômico e de desabastecimento, a profunda "insegurança energética" (CARNEGIE, 2024) ameaça diretamente o pacto de estabilidade do Partido Comunista Chinês. Um bloqueio em Ormuz geraria a paralisação industrial e o desemprego em massa, atuando como o principal gatilho para revoltas sociais. Para evitar esse colapso interno, Pequim não busca a escalada militar, mas expande rapidamente as suas "frotas fantasmas" logísticas para contornar a crise e evitar a interrupção no fornecimento.

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

ANÁLISE DE RISCO



- **Federação Russa:** Enfrentando um nível de risco baixo e de caráter puramente econômico (já mitigado), Moscou blinda-se internamente ao capitalizar o caos no Oriente Médio. A alta global do preço do petróleo refinancia a máquina estatal russa, mitigando o peso das sanções ocidentais e mantendo a população complacente com Vladimir Putin (CARNEGIE, 2024). A Rússia não tem incentivos para intervir militarmente, pois lucra com a escalada indireta que desgasta Washington financeiramente e desvia o foco do Leste Europeu.
- **Atores Regionais (Emirados Árabes Unidos, Catar e Omã):** A instabilidade bélica afugenta o capital estrangeiro essencial para os projetos de transição pós-petróleo das petromonarquias, gerando um alto risco econômico-estrutural e de quebra do pacto social (CHATHAM HOUSE, 2024). O fracasso da diversificação econômica ameaça a promessa de prosperidade dos monarcas à sua população jovem, culminando em um forte risco de revoltas populares. Diante disso, adotam uma postura defensiva, recorrendo a mercenários para proteger a sua economia residual.

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

ANÁLISE DE CENÁRIO



CENÁRIO OTIMISTA

Em um cenário otimista para o Estreito de Ormuz depende, fundamentalmente, de uma desescalada militar coordenada e da consolidação de um acordo de cessar-fogo robusto. No curto prazo, essas condições permitiriam a reabertura plena da rota marítima, o que possibilitaria a retomada imediata das exportações energéticas em níveis estáveis. Esse fluxo contínuo de recursos atuaria como um estabilizador instantâneo para os mercados globais, provocando uma queda significativa no "prêmio de risco" do petróleo e, conseqüentemente, auxiliando na redução da inflação em escala mundial, gerando um alívio econômico necessário para as nações importadoras.

A longo prazo, a estabilidade exigiria a construção de pilares estratégicos que transformassem a dinâmica da região. Um acordo de paz definitivo, acompanhado pela desmilitarização gradual do corredor, seria essencial para restaurar a confiança de investidores e garantir a segurança operacional de petrolíferas e companhias de navegação comercial. Nesse contexto, a região deixaria de ser vista como um ponto de estrangulamento vulnerável para se tornar um eixo de cooperação técnica e diplomática, atraindo capital e tecnologia para o desenvolvimento regional.

Em última análise, a consolidação desse cenário otimista depende da transformação da infraestrutura regional em uma verdadeira 'apólice de seguro' contra a volatilidade geopolítica. De acordo com a análise do Arab Center, o investimento em "rotas de contorno" ('workarounds') como a expansão da densidade da rede de oleodutos e a implementação da Ferrovia do GCC e da *Saudi Landbridge* é fundamental para criar uma redundância logística que hoje a região ainda carece. Ao diversificar os canais de exportação para terminais fora do Estreito de Ormuz, como os portos de Fujairah e Jeddah, os atores globais conseguem mitigar o impacto de possíveis bloqueios e reduzir drasticamente o risco para a economia mundial. Esse fortalecimento da resiliência estrutural acaba por esvaziar o valor estratégico do Estreito como ferramenta de dissuasão política e militar, incentivando os Estados do Golfo e as potências externas a priorizarem a integração econômica e a estabilidade regional de longo prazo, em vez do confronto.

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

ANÁLISE DE CENÁRIO



Imagem 5: Países produtores de petróleo e gás no Oriente Médio e oleodutos de trânsito.
Fonte: Administração de Informação Energética dos EUA EIA (2017)

CENÁRIO PESSIMISTA

Diante do atual caos internacional, econômico e geopolítico que o conflito do Estreito de Ormuz se insere, um cenário pessimista seria um agravamento das atuais circunstâncias.

Inicialmente, a dinâmica militar no Golfo Pérsico se desdobraria em um choque de capacidades militares convencionais e se converteria numa guerra de desgaste baseada em resistências políticas (CSIS, 2026). Os Estados Unidos e seus aliados ocidentais colocariam um bloqueio sufocante aos portos iranianos, com o objetivo de reprimir uma economia já fragilizada, bloqueando navios comerciais e forçando o regime a ceder, sob pressão interna (CSIS, 2026). Em retaliação, o Irã permaneceria com o bloqueio do trânsito global pelo Estreito de Ormuz – apesar de forças marinhas estadunidenses terem ótimas tecnologias, a geografia do Estreito impõe uma vantagem ao Irã.

O conflito entre os fuzileiros navais americanos e forças de operações espaciais arriscariam um desastre político interno em um ano eleitoral sensível,

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

ANÁLISE DE CENÁRIO



mas, a manutenção do impasse sinalizaria fraqueza e encorajaria a continuação do enfraquecimento marítimo pelas forças iranianas.

Com o Estreito fechado, formuladores de políticas públicas concentrariam em buscar saídas terrestres para contornar o bloqueio marítimo. A peça central dessa estratégia é o oleoduto Leste-Oeste, na Arábia Saudita. A infraestrutura, conhecida como Petroline, tem capacidade de transportar 7 milhões de barris por dia (HOOVER, 2026) – dessa forma, se tornaria o desvio ativo mais significativo da região. Mas, no longo prazo, teria uma extrema exposição da infraestrutura periférica do Petroline.



Imagem 6: Petroline e Oleoduto Leste Oeste.
Fonte: Click Petróleo e Gás (2026).

As instalações que alimentam o oleoduto, as estações de bombeamento e os terminais de armazenamento e exportação, estão distribuídas em espaços suscetíveis a ataques (HOOVER, 2026), em que forças iranianas já conseguiram atingir refinarias e estações de bombeamento, paralisando o fluxo de barris diários.

Outro desafio seria o destino dos barris: a grande maioria dos clientes da Arábia Saudita está localizada na Ásia Oriental (HOOVER, 2026). Sendo assim, para que o petróleo escoe até o Mar Vermelho, seria necessário navegar em direção ao sul para alcançar o Oceano Índico – esse plano de ação coloca os navios comerciais sob a mira dos Houthis, no Iêmen, aliados de Teerã – a milícia expandiria sua letalidade, disparando contra as embarcações comerciais (NEWTON, 2026).

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

ANÁLISE DE CENÁRIO



Imagem 7: Rota de Operação do Petrolina.
Fonte: Pluralia (2026)

Com o fechamento duradouro de Ormuz, impulsionado por tensões recorrentes e falhas táticas, mais de 11 milhões de barris diários de petróleo bruto seriam condensados no Golfo e retirados de suprimento global. Diante desse vácuo considerável, as cotações de petróleo se aproximariam de US\$200 por barril – e essa escassez aguda, empurra os preços do diesel e dos combustíveis de aviação a US\$300 por barril (WOOD MACKENZIE, 2026).

Cenário de Interrupção Estendida — Estreito de Ormuz						
Fonte: Wood Mackenzie (2026); World Bank (2026)						
IMPACTO NO MERCADO DE PETRÓLEO BRUTO E DERIVADOS						
Indicador	Unidade	Cenário Base (Pré-crise)	Interrupção Estendida	Variação Absoluta	Variação (%)	Observações
Petróleo bruto Brent	US\$/barril	US\$ 85	US\$ 200	US\$ +115	135,3%	Rompe barreira de US\$ 200/bbl
Diesel	US\$/barril	US\$ 110	US\$ 300	US\$ +190	172,7%	Escassez aguda nos centros de refino
Jet Fuel (comb. aviação)	US\$/barril	US\$ 115	US\$ 300	US\$ +185	160,9%	Alta histórica — impacto na aviação global
Volume retirado do mercado	Milhões bbl/dia	US\$ 0	US\$ 11	US\$ +11	N/A	Bruto + condensados do Golfo Pérsico

Imagem 8: Impacto do conflito no preço do petróleo.
Fonte: World Bank e Wood Mackenzie (2026)

O aumento substancial nos preços dos barris, comprimiria a receita líquida dos próprios exportadores – estima-se que Arábia Saudita, Emirados Árabes e Kuwait absorveriam a maioria do fardo financeiro decorrente do aumento dos custos de escoamento, diminuindo o capital que seria direcionado para suas respectivas defesas (DISCOVERY ALERT, 2026).

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

ANÁLISE DE CENÁRIO



Instituições financeiras reduzem suas projeções para que caso a crise permaneça com o preço do barril acima dos três dígitos, o crescimento global ficará abaixo de 2% (IMF, 2026) – o aumento do custo do petróleo reduziria o poder de compra dos países e prejudicaria cadeias globais de suprimento. A volatilidade dos mercados de capitais desencadeia uma fuga de investimentos massiva dos mercados emergentes para o dólar americano, forçando desvalorizações cambiais, que podem levar nações do Sul Global à insolvência e não pagamento de suas dívidas – os bancos, temendo a hiperinflação, manteriam as taxas de juros altíssimas, mesmo com as economias entrando em colapso (IMF, 2026).

O Norte Global se concentra nos mercados de capitais e nos preços das bombas de combustível, mas o Sul Global é prejudicado através do setor agroalimentar. Economistas chefes da FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura) emitem alertas: a interrupção do Golfo pode desencadear níveis graves de fome em questão de meses (FAO, 2026).

Diferente dos impactos financeiros, o setor agropecuário é mais lento e submetido aos ciclos da agricultura. O custo do combustível afeta a operação de tratores, colheitadeiras e redes de refrigeração; da mesma forma, a disponibilidade de insumos e fertilizantes é diretamente afetada, assim como a compra de sementes de alto rendimento, refletindo na produtividade das áreas de plantio. O custo final repassado ao consumidor seria exorbitante, destruindo a segurança alimentar de milhões de famílias vulneráveis (FAO, 2026).

A tradução material desse déficit de oferta alimentar, atinge a governança no continente africano – a região do Sahel entraria em falência estatal (MEI, 2026). Em uma região já fragilizada pela insegurança alimentar, a disparada da inflação erradicaria o poder de compra e a legitimidade dos governos locais (MEI, 2026). Organizações terroristas militarizadas e jihadistas, se aproveitariam da debilidade do Estado, e o aprofundamento de hostilidades e miséria absoluta, impulsionaria ondas migratórias através do Mediterrâneo (MEI, 2026).

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

ANÁLISE DE CENÁRIO



O custo de vida insustentável, ligada à falência das infraestruturas urbanas, provocaria um “êxodo reverso” – ocorreria uma fuga da população de volta para províncias remotas, em busca de abrigo familiar, e numa tentativa de fugir da inflação e da constante ameaça de ataques (TEHRAN INSIDER, 2026). A ACNUR reporta estimativas de até 3,2 milhões de cidadãos deslocados de centros habitacionais, apenas nos primeiros picos da escalada do conflito (UNHCR, 2026).

À medida que os deslocados convergem para os limites geográficos do Irã, a crise de segurança sanitária e social transborda – o medo de países vizinhos de herdar com os custos da guerra, os levaria a fechar passagens de fronteira, criando gargalos migratórios. A falha regional em absorver esse êxodo sem infraestrutura garantida, atua como a gota d’água na estabilidade do Oriente Médio (AL JAZEERA, 2026).

O panorama apresentado impõe ao sistema global que nos próximos 5 anos, o cenário será de consolidação de um palco marítimo em constante conflito, onde o livre comércio dará lugar a uma era regida pela gestão de crises inflacionárias e humanitárias, estoques escassos de petróleo e suprimentos, e aumento de insurgências locais, marcando definitivamente o fim da ordem unipolar global.

CENÁRIO MAIS PROVÁVEL

Na prospecção deste cenário, a confluência dos interesses políticos em 2026 afasta uma guerra de destruição mútua e institucionaliza um conflito de atrito prolongado, ditado pelos principais atores e suas respectivas estratégias. A aliança ocidental adota uma tática de “Pressão Máxima 2.0”: sob Donald Trump, os Estados Unidos exercem um neoimperialismo financeiro, aplicando sanções extremas e terceirizando os custos da segurança marítima para nações parceiras (CFR, 2026), enquanto Israel, sob Benjamin Netanyahu, conduz operações aéreas cirúrgicas para degradar as capacidades iranianas sem invasão terrestre. Do outro lado, ciente de que um fechamento absoluto do Estreito de Ormuz forçaria uma intervenção internacional maciça, o Irã recalcula sua sobrevivência e opta por uma estratégia de negação do mar intermitente, evitando cruzar a “linha vermelha” de um bloqueio oficial, mas mantendo a região sob tensão perpétua.

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

ANÁLISE DE CENÁRIO



A evolução possível deste cenário baseia-se na sofisticação tecnológica da guerra assimétrica, consubstanciada na criação de um "Bloqueio Sombra" por Teerã. Explorando a assimetria geográfica do estreito, que restringe drasticamente a manobrabilidade das frotas estrangeiras, a Guarda Revolucionária passa a empregar ataques cibernéticos massivos de *'spoofing'* (falsificação cibernética de sinais de GPS para desviar rotas) e assédio com drones autônomos. Sem um fechamento formal, o Irã cobra um "pedágio de segurança" indireto que impõe uma inflação estrutural ao mercado global (VITTO, 2026). Em resposta, potências asiáticas expandem suas "frotas fantasmas" (*'dark fleets'*) para contornar o escrutínio ocidental (RUSSIA MATTERS, 2026). Simultaneamente, as petromonarquias árabes (CCG), asfixiadas pela fuga de capitais (YOUNG, 2026), são forçadas a contratar empresas militares privadas (mercenários) para escoltar seus petroleiros, atestando de forma contundente a obsolescência do guarda-chuva de segurança norte-americano.

Apesar da estabilidade calcada no desgaste mútuo, este arranjo geopolítico é vulnerável a gatilhos (*'triggers'*) sensíveis que podem precipitar uma escalada drástica e não intencional. O principal vetor de risco reside no erro de cálculo tecnológico: um ataque hacker mal que resulte na colisão direta de um superpetroleiro com um contratorpedeiro (navio militar de escolta e combate rápido, conhecido como *'destroyer'*) ocidental, ou que deflagre um desastre ecológico no Golfo, forçaria uma retaliação militar imediata. Um segundo gatilho seria o embate letal entre lanchas iranianas e os mercenários contratados pelo CCG, conforme alertado no artigo "The GCC's Dilemma: Bound by Washington, Exposed by Iran" (GULF INTERNATIONAL FORUM, 2026), transferindo a crise do campo corporativo de segurança para uma guerra regional declarada. Em suma, Ormuz firma-se como um palco de atrito crônico, onde o comércio global permanece como eterno refém das potências locais, equilibrado precariamente sobre o risco do erro tático militar.

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

CONSIDERAÇÕES FINAIS



O presente relatório evidenciou que o Estreito de Ormuz transcende a sua condição de mero gargalo logístico, consolidando-se como o epicentro de um complexo "tabuleiro da segurança energética". No cenário prospectivo de 2026, a eclosão do embate trilateral escancarou as contradições do sistema internacional: a postura agressiva e expansionista de Israel atua como o principal vetor de instabilidade regional (pain point), forçando o Irã a responder com táticas assimétricas de "negação do mar". Por meio da institucionalização de um pragmático "Bloqueio Sombra" (que evita a aniquilação total, mas impõe um pedágio securitário global), Teerã converte o fluxo vital de hidrocarbonetos em uma arma de coerção em massa. Essa dinâmica não apenas neutraliza o guarda-chuva de proteção histórico no Golfo, como expõe os limites práticos do neoimperialismo dos Estados Unidos, que se descobre incapaz de aniquilar um Estado soberano sem precipitar uma catástrofe inflacionária planetária.

As projeções de risco constataram que a manutenção desta guerra de atrito atua como um catalisador de desestabilização socioeconômica sistêmica. Regionalmente, o colapso da garantia de proteção condena as petromonarquias do Golfo a uma vulnerabilidade existencial que ameaça os seus projetos de transição econômica, enquanto potências altamente dependentes, como a China, são forçadas a operar "frotas fantasmas" para afastar o fantasma do desabastecimento industrial. Sob a lente teórica do "Jogo de Dois Níveis", infere-se, de forma incontestável, que o prolongamento deste conflito atende estritamente à sobrevivência doméstica dos seus líderes: mascara a asfixia econômica do regime aiatolá no Irã, viabiliza a manutenção da coalizão de emergência de Benjamin Netanyahu e dita os cálculos eleitorais do governo de Donald Trump em Washington. Conclui-se, portanto, que enquanto o fluxo energético mundial permanecer refém das fraturas geopolíticas e do imperativo de sobrevivência de seus atores, a ordem global continuará refém da iminência de um choque estrutural irreversível.

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

REFERÊNCIAS



AL ZAROONI, Mustafa. **Who Pumps the Oil and Who Controls It?**. Doha: Middle East Council on Global Affairs, 2026.

BLOQUEIO em Ormuz pode agravar maior crise energética global e elevar risco de escalada. **Times Brasil**, [S. I.], 2026. Disponível em: <https://timesbrasil.com.br/mundo/conflito-no-orient-medio/bloqueio-em-ormuz-pode-agravar-maior-crise-energetica-global-e-elevar-risco-de-escalada/>. Acesso em: 25 maio 2026.

BRENT may hit \$200/bbl if Hormuz closure extends through 2026, warns Wood Mackenzie. **Financial Express**, [S. I.], 2026. Disponível em: <https://www.financialexpress.com/policy/economy/brent-may-hit-200bbl-if-hormuz-closure-extends-through-2026-warns-wood-mackenzie/4247577/>. Acesso em: 20 maio 2026.

BRUEGEL. **What the war in Iran means for China**. Bruxelas: Bruegel, 2026. Disponível em: <https://www.bruegel.org/analysis/what-war-iran-means-china>. Acesso em: 10 abr. 2026.

CAN Middle East oil producers meaningfully bypass the Strait?. **Rigzone**, [S. I.], 19 maio 2026. Disponível em: <https://www.rigzone.com/news/can-middle-east-oil-producers-meaningfully-bypass-the-strait-19-may-2026-183721-article/>. Acesso em: 25 maio 2026.

CARNEGIE ENDOWMENT FOR INTERNATIONAL PEACE. **China and Russia in the Gulf: A Cacophony of Influence and Interest**. Washington, DC: Carnegie, out. 2024. Disponível em: <https://carnegieendowment.org/research/2024/10/china-and-russia-in-the-gulf-a-cacophony-of-influence-and-interest>. Acesso em: 15 maio 2026.

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA



REFERÊNCIAS

CHATHAM HOUSE. Gulf States Analysis & Research. Londres: Chatham House, 2024. Disponível em: <https://www.chathamhouse.org/regions/middle-east-and-north-africa/gulf-states>. Acesso em: 15 maio 2026.

CHOKEPOINTS and conflict: How the Hormuz crisis is exposing global shipping vulnerabilities. UN News, Nova York, abr. 2026. Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2026/04/1167383>. Acesso em: 10 abr. 2026.

CONFLICT at the Crossroads: Security Tensions in the Strait of Hormuz. IJFMR, [S. l.], 2025. Disponível em: <https://www.ijfmr.com/papers/2025/6/56232.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2026.

CORRÊA, Alessandra. Como a guerra no Irã pode levar o mundo a uma nova corrida por armas nucleares. BBC Brasil, 2026. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c393r4znyeko>. Acesso em: 20 maio 2026.

COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS (CFR). U.S. Announces Mission to Support Strait of Hormuz Shipping. Nova York: CFR, 2026. Disponível em: <https://www.cfr.org/articles/u-s-announces-mission-to-support-strait-of-hormuz-shipping>. Acesso em: 10 abr. 2026.

DISCOVERY ALERT. Hormuz bypass capacity: Gulf oil infrastructure and export routes. [S. l.], 2026. Disponível em: <https://discoveryalert.com.au/hormuz-bypass-capacity-gulf-oil-infrastructure-export-routes/>. Acesso em: 25 maio 2026.

EURASIA GROUP. Top Risks 2024: The United States vs. Itself. Nova York: Eurasia Group, jan. 2024. Disponível em: <https://www.eurasiagroup.net/issues/top-risks-2024>. Acesso em: 15 maio 2026.

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

REFERÊNCIAS



EUROPEAN UNION INSTITUTE FOR SECURITY STUDIES (EUISS). War in the Middle East: What implications for the EU and the world?. Paris: EUISS, 2026. Disponível em: <https://www.iss.europa.eu/publications/commentary/war-middle-east-what-implications-eu-and-world>. Acesso em: 10 abr. 2026.

FAO (Food and Agriculture Organization). Strait of Hormuz conflict threatens global food prices as FAO warns time is running out. Roma: FAO, 2026. Disponível em: <https://www.fao.org/newsroom/detail/strait-of-hormuz-conflict-threatens-global-food-prices-as-fao-warns-time-is-running-out/en>. Acesso em: 20 maio 2026.

GCC's Post-Strait Of Hormuz Crisis Challenges OpEd. Eurasia Review, [S. l.], 7 maio 2026. Disponível em: <https://www.eurasiareview.com/07052026-gccs-post-strait-of-hormuz-crisis-challenges-oped/>. Acesso em: 20 maio 2026.

GUITARRARI, Luiza; SENNA, Fernanda; COUTO, Marcio Lago. Novos desdobramentos de conflitos no Oriente Médio: reflexões e potenciais impactos para o mercado global. Rio de Janeiro: FGV Energia, 2026.

GULF INTERNATIONAL FORUM. The GCC's Dilemma: Bound by Washington, Exposed by Iran. Washington, DC, 2026. Disponível em: <https://gulfif.org/the-gccs-dilemma-bound-by-washington-exposed-by-iran/>. Acesso em: 15 maio 2026.

HOOVER INSTITUTION. After Hormuz: The Gulf in Search of a New Order. Stanford: Stanford University, 2026. Disponível em: <https://www.hoover.org/research/after-hormuz-gulf-search-new-order>. Acesso em: 15 maio 2026.

IMF warns of global recession risk if oil prices stay high through 2027. ROIC AI News, [S. l.], 13 maio 2026. Disponível em: <https://www.roic.ai/news/imf-warns-of-global-recession-risk-if-oil-prices-stay-high-through-2027-05-13-2026>. Acesso em: 20 maio 2026.

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

REFERÊNCIAS



INSTITUTE FOR NATIONAL SECURITY STUDIES (INSS). Israel's National Security Index. Tel Aviv: INSS, 2024. Disponível em: <https://www.inss.org.il/>. Acesso em: 15 maio 2026.

INTERNATIONAL CRISIS GROUP (ICG). Iran's Protests: The Regime's Domestic and Regional Calculations. Bruxelas: ICG, 2024. Disponível em: <https://www.crisisgroup.org/middle-east-north-africa/gulf-and-arabian-peninsula/iran>. Acesso em: 15 maio 2026.

INTERNATIONAL MONETARY FUND (IMF). How the War in the Middle East is Affecting Energy, Trade, and Finance. Washington, DC: IMF, 30 mar. 2026. Disponível em: <https://www.imf.org/en/blogs/articles/2026/03/30/how-the-war-in-the-middle-east-is-affecting-energy-trade-and-finance>. Acesso em: 10 abr. 2026.

IRAN must not charge tolls in Strait of Hormuz, UN maritime chief says. Al Jazeera, Doha, 12 abr. 2026. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2026/4/12/iran-must-not-be-allowed-charge-tolls-in-strait-of-hormuz-un-watchdog-says>. Acesso em: 20 maio 2026.

IRAN'S neighbours prepare for fallout as war threatens new refugee crisis. Al Jazeera, Doha, 17 mar. 2026. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2026/3/17/irans-neighbours-prepare-for-fallout-as-war-threatens-new-refugee-crisis>. Acesso em: 10 abr. 2026.

KESHAVARZIAN, Arang et al. War Across Boundaries: Perspectives on Iran and a Region Under Siege. Washington, DC: MERIP, 2026. Disponível em: <https://www.merip.org/2026/03/war-across-boundaries-perspectives-on-iran-and-a-region-under-siege/>. Acesso em: 20 maio 2026.

KRANE, Jim. The Iran War and the End of the US-Gulf "Oil for Security" Deal. Washington, DC: Arab Center Washington DC, 27 mar. 2026. Disponível em: <https://arabcenterdc.org/resource/the-iran-war-and-the-end-of-the-us-gulf-oil-for-security-deal/>. Acesso em: 10 abr. 2026.

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA

REFERÊNCIAS



INSTITUTE FOR NATIONAL SECURITY STUDIES (INSS). Israel's National Security Index. Tel Aviv: INSS, 2024. Disponível em: <https://www.inss.org.il/>. Acesso em: 15 maio 2026.

INTERNATIONAL CRISIS GROUP (ICG). Iran's Protests: The Regime's Domestic and Regional Calculations. Bruxelas: ICG, 2024. Disponível em: <https://www.crisisgroup.org/middle-east-north-africa/gulf-and-arabian-peninsula/iran>. Acesso em: 15 maio 2026.

INTERNATIONAL MONETARY FUND (IMF). How the War in the Middle East is Affecting Energy, Trade, and Finance. Washington, DC: IMF, 30 mar. 2026. Disponível em: <https://www.imf.org/en/blogs/articles/2026/03/30/how-the-war-in-the-middle-east-is-affecting-energy-trade-and-finance>. Acesso em: 10 abr. 2026.

IRAN must not charge tolls in Strait of Hormuz, UN maritime chief says. Al Jazeera, Doha, 12 abr. 2026. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2026/4/12/iran-must-not-be-allowed-charge-tolls-in-strait-of-hormuz-un-watchdog-says>. Acesso em: 20 maio 2026.

IRAN'S neighbours prepare for fallout as war threatens new refugee crisis. Al Jazeera, Doha, 17 mar. 2026. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2026/3/17/irans-neighbours-prepare-for-fallout-as-war-threatens-new-refugee-crisis>. Acesso em: 10 abr. 2026.

KESHAVARZIAN, Arang et al. War Across Boundaries: Perspectives on Iran and a Region Under Siege. Washington, DC: MERIP, 2026. Disponível em: <https://www.merip.org/2026/03/war-across-boundaries-perspectives-on-iran-and-a-region-under-siege/>. Acesso em: 20 maio 2026.

KRANE, Jim. The Iran War and the End of the US-Gulf "Oil for Security" Deal. Washington, DC: Arab Center Washington DC, 27 mar. 2026. Disponível em: <https://arabcenterdc.org/resource/the-iran-war-and-the-end-of-the-us-gulf-oil-for-security-deal/>. Acesso em: 10 abr. 2026.

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA



REFERÊNCIAS

MIDDLE EAST INSTITUTE. **Pressure Points: The Iran War's Growing Economic and Security Impact**. Washington, DC: MEI, 2026.

NEWLINES INSTITUTE FOR STRATEGY AND POLICY. **South Asia-Gulf Engagement**. Washington, DC: Newlines Institute, 2026. Disponível em: <https://newlinesinstitute.org/wp-content/uploads/20260421-South-Asia-Gulf-Engagement.pdf>. Acesso em: 05 maio 2026.

NOVA fase da guerra: ameaças entre EUA e Irã elevam risco de escalada no Golfo. **Exame**, São Paulo, 2026. Disponível em: <https://exame.com/mundo/nova-fase-da-guerra-ameacas-entre-eua-e-ira-elevam-risco-de-escalada-no-golfo/>. Acesso em: 25 maio 2026.

NOVAES, André. **Os objetivos geopolíticos americanos na guerra do Irã: contenção da China e da Rússia e reconfiguração do Rimland eurasiático**. Rio de Janeiro: Portal FGV, 2026.

NUCLEAR weapons: Who has what at a glance. Arms Control Association. Washington, DC, 2026. Disponível em: <https://www.armscontrol.org/factsheets/nuclear-weapons-who-has-what-glance>. Acesso em: 20 maio 2026.

NUNES, André Figueiredo; VISENTINI, Paulo Gilberto Fagundes. **Os Estreitos no Oriente Médio e a Segurança Energética**. Revista da Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro, 2018.

O QUE significa a saída dos Emirados Árabes da Opep?. Deutsche Welle (DW), Bonn, 2026. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/o-que-significa-a-sa%C3%ADda-dos-emirados-%C3%A1rabes-da-opep/a-76973599>. Acesso em: 05 maio 2026.

PROJECT ON MIDDLE EAST POLITICAL SCIENCE (POMEPS). **IR Theory and the Middle East at War: Challenges and Opportunities**. Washington, DC: POMEPS, 2026. Disponível em: https://pomeps.org/wp-content/uploads/2026/03/POMEPS_Studies_58_Final-REV.pdf. Acesso em: 05 maio 2026.

TABULEIRO DA SEGURANÇA ENERGÉTICA



REFERÊNCIAS

RUCKS, Jessika Tessaro. O Estreito de Ormuz: da competição estratégica à guerra proxy regional no Oriente Médio. 2016. 102 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Estratégicos Internacionais) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

RUSSIA MATTERS. Russia Analytical Report, March 23-30, 2026. Cambridge: Harvard Kennedy School, 2026. Disponível em: <https://www.russiamatters.org/news/russia-analytical-report/russia-analytical-report-march>. Acesso em: 05 maio 2026.

SECURITY Council: Russia and China veto resolution on Strait of Hormuz. UN News, Nova York, abr. 2026. Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2026/04/1167261>. Acesso em: 25 maio 2026.

STRAIT of Hormuz closure risks greatest global energy supply shock in decades. Wood Mackenzie, [S. l.], 2026. Disponível em: <https://www.woodmac.com/press-releases/strait-of-hormuz-closure-risks-greatest-global-energy-supply-shock-in-decades/>. Acesso em: 25 maio 2026.

UNHCR (United Nations High Commissioner for Refugees). Middle Eastern situation. Genebra: UNHCR, 2026. Portal de dados operacionais. Disponível em: https://data.unhcr.org/en/situations/middle_eastern. Acesso em: 05 maio 2026.

VITTO, William A. Clavijo. Como a crise de Ormuz expõe o sistema energético global. Nexo Jornal, São Paulo, 14 abr. 2026.

YOUNG, Karen E. How the War is Redefining Gulf Economic Power and Energy Strategy. Doha: Middle East Council on Global Affairs, 1 abr. 2026. Disponível em: https://mecouncil.org/blog_posts/how-the-war-is-redefining-gulf-economic-power-and-energy-strategy/. Acesso em: 05 maio 2026.



FECAP

PESQUISA DESENVOLVIDA NO ÂMBITO DA DISCIPLINA
"CONFLITOS INTERNACIONAIS E GEOPOLÍTICA
CONTEMPORÂNEA", DO CURSO DE RELAÇÕES
INTERNACIONAIS DA FECAP (2026.1)

ANA JULIA ALMEIDA
CARLA SORRANA
DANIELE ROCHA
ISABELLA DE FRANÇA
JAMILLY HONORATO

JUNHO/JULHO 2026

